

Contracolonização e resistências *Mbyá-Guarani* diante do Antropoceno¹

Simone Alves de Almeida, UFRGS/RS

Josiane Carine Wedig, UTFPR/PR

Resumo: Os *Mbyá-Guarani* estão na linha de frente contra as mudanças climáticas, junto a outros povos indígenas, comunidades quilombolas e camponesas. Tendo um modo próprio de conceber a terra e os outros seres que a compõem, eles vêm atualizando suas estratégias para enfrentar a destruição de seus territórios ancestrais e do planeta. De que modo a resistência *Mbyá-Guarani* tem interpelado a marcha de destruição do Antropoceno? Essa pesquisa ocorreu com comunidades *Mbyá* que vivem junto da floresta, na Mata Atlântica do RS. Ao acompanhar o *guatá* (caminhar), nos perguntamos: que modos de relação com a terra e com os outros seres há em seu mundo? Como eles favorecem a habitabilidade das paisagens que compõem seu *guatá tape porã*? Em que esses modos de se relacionar com a terra se diferem do *juruá-reko* - o Habitar Colonial do Antropoceno? (Ferdinand, 2022). Quatro categorias emergem da experiência de acompanhar o *guatá* a partir destes coletivos. 1 - A Retomada da Terra, como experiência na qual os *Mbyá-Guarani* executam uma estratégia política de proteção de determinados territórios, não só requerendo para si o direito territorial, mas impedindo sua destruição. 2 - A Paisagem *Mbyá*, na qual procuramos mostrar como se constituem essas paisagens e como elas se diferem das paisagens ocupadas pelos *juruá*. 3 - As Presenças Multiespécies, onde abordamos como a cotidianidade *Mbyá* é habitada por muitos seres, construída com eles, que são reconhecidos em importância, lugar e espírito. 4 - O *Guatá*, como elemento fundamental do modo de vida *Mbyá* e que permite perceber um jeito de caminhar na terra com efeitos muito distintos daqueles vinculados ao Antropoceno. A pesquisa mostra que aquilo que o *juruá* chama de preguiça, dizendo que “índio não sabe trabalhar”, “que é um atraso para o desenvolvimento da nação”, é o modo de vida desse povo e uma atitude ativa e deliberada de viver sem destruir aquilo que possibilita a própria vida. Atitude esta que é baseada na compreensão de que essas condições dependem de relacionamentos entre distintos seres. A pesquisa traz a perspectiva dos *Mbyá-Guarani* sobre a terra, as mudanças climáticas, e aborda o que eles apontam sobre o *juruá-reko*, como o responsável

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024).

pela destruição das condições de habitabilidade do planeta. O modo contracolonial (Santos, 2023) de habitar e caminhar dos *Mbyá-Guarani* apresenta inúmeros modos de resistência (Santos, 2023) ao Habitar Colonial do Antropoceno (Ferdinand, 2022).

Palavras-chave: Povos indígenas; Antropoceno; Cartografia Multiespécies.

1. A retomada da terra

As retomadas são ações políticas do movimento indígena na luta por seus territórios originários. Retomar é tomar para si aquilo que um dia deles foi tomado. De acordo com Carmem Guardiola (2021), mais do que a ocupação de um espaço geográfico, as retomadas são um reencontro, um modo de reaver os meios terrestres e o que neles existem de forma que possam reproduzir seu modo de viver. São ações diretas protagonizadas pelos indígenas como parte de sua secular luta contracolonial. Segundo Marcus Wittman (2022), retomar um local é reativá-lo, atualizando o passado cosmológico e político que ali persiste no tempo através das memórias dos antepassados e agenciar devires na relação com as entidades que vivem neste território. Trata-se de um reencontro com as potências/devires que estiveram ali há milênios, que voltam a ter agência e que se atualizam.

A intensificação das retomadas indígenas no RS se dá num momento histórico de agravamento das violências sofridas e diante do aumento das ofensivas contra seus direitos territoriais (Farias, 2018). Para Leonardo Guaragni e José Otávio Catafesto (2022), as retomadas são viradas de mesa frente à inoperância do Estado brasileiro em reconhecer e regularizar as terras tradicionais, o que é efeito do colonialismo e da colonialidade que impera vigente em favor principalmente do direito privado da terra. Segundo estes autores, os *Mbyá* vão além, porque eles não pretendem ter a terra enquanto propriedade, mas o direito de estar nela e com ela, de poder circular livremente pelos espaços em que vivem como paisagens componentes do *yvyrupá*.

A retomada *Mbyá-Guarani* de Maquiné ocorreu em janeiro de 2017 quando 30 famílias retomaram 80% da área que até então sediava a Fepagro. Logo que a estatal foi extinta, os *Mbyá-Guarani* tomaram conhecimento de que a área seria vendida para uma grande empresa cuja intenção era construir um condomínio no local. A retomada foi uma estratégia de proteção da floresta nativa que ali existe, pois eles compreendiam que se a

área fosse vendida a mata já não existiria mais. Era preciso agir, disse o cacique André Benites, e por isso decidiram fazer retomada. Também o cacique José Morinico, da *tekoa Anhentenguá*, que participou da retomada em Maquiné afirmou que: “*se ficar com os políticos, vai ser um condomínio. Então, nós queremos retomar, por causa das árvores, dos passarinhos, para manter passarinho. Porque se virar um condomínio mata tudo*”. (Morinico, 2017, s/n).

Trata-se esta de uma terra boa para o viver *Mbyá*, pois ela possui as características pelas quais eles sempre buscam, por serem as condições adequadas para o seu *nhanderekó* (modo de viver orientado por *Nhanderú*). Uma verdadeira *tekoa* é aquela que conta com a presença daquilo que é necessário para a vida *Mbyá*. Porque tem água, tem mata, tem fruta, a terra retomada em Maquiné é muito diferente daquelas que o governo lhes destina, que geralmente já estão destruídas e não reúnem mais tais condições (Morinico, 2017).

“*Nós viemos para cá para escutar passarinho*”, disse uma das lideranças da retomada *Mbyá-Guarani* de Canela, ao contar também que onde eles viviam antes, embora a terra fosse demarcada e houvesse toda uma estrutura de moradia construída, já não escutavam passarinho, pois é área de monocultura de pinus. Por isso, fizeram retomada em área onde viveram seus avós, na serra gaúcha. Os *Mbyá* buscam viver nas matas, em lugares onde tenha nascente, onde hajam rios, onde hajam frutas nativas. “*Eu nasci em Tenente Portela, mas lá já não tem mais mata, por isso viemos para cá*”, disse Dona Júlia, cacica da *tekoa Guyra Nhendu*. Os lugares adequados ao *nhanderekó* são cada vez mais raros, o que mostra o quanto os movimentos de retomada vêm sendo importantes na resistência desse povo para sustentar seu modo de vida, assim como, para a proteção das matas.

No contexto da retomada do território da Fazenda da Ponta do Arado Velho, na zona sul de Porto Alegre, o cacique Timóteo explica que as retomadas também são orientadas pelas divindades. Foi *Nhanderú* que através de um sonho os conduziu para esse lugar, pois ali seria possível dar continuidade ao modo de vida tradicional e terem uma existência feliz (Wittman, Guardiola, 2018). Ele conta também que o espírito da água, da pedra, da terra e do ar, todos ficaram contentes quando eles chegaram lá. No entanto, lhe foi dito também que seria preciso muita coragem (Timóteo, 2018), pois, desde que chegaram na Ponta do Arado eles sofrem a violência dos proprietários da área que querem construir um condomínio de luxo no local. Como explica Wittman (2022), trata-se de

uma área privada de preservação ambiental, em processo de licenciamento para uma obra que prevê três edificações de moradia e duas mil e quinhentas casas, o que resultaria no aterro de uma grande porção da área, suprimindo assim banhados, várzeas e áreas de inundação. Há fauna e flora em extinção no local, sendo uma das poucas áreas ao longo do curso do Guaíba que preserva suas características e justamente por conta delas é um local para acolher o modo de viver *Mbyá*. O empreendimento imobiliário previsto para o Arado Velho colocará a perder a biodiversidade ali presente, como já ocorreu em boa parte da cidade. Portanto, a permanência *Mbyá-Guarani* no local, além de uma direito originário, garante a proteção de uma das poucas áreas de preservação que restaram ao longo do rio Guaíba e arredores. Segundo o cacique Timóteo, o que lhe causa medo não são os seguranças armados que os ameaçam cotidianamente, mas a destruição daquele território ancestral (Wittman, Guardiola, 2018).

Cada uma das terras retomadas pelos *Mbyá* envolvem áreas ameaçadas de destruição por grandes projetos. Assim, se podemos dizer que elas são ações políticas pelo direito originário, e necessárias para a manutenção do modo de vida tradicional, podemos também notar que elas vão além da causa indígena. Conforme o cacique André, a sua luta é por todos, não só para os Guarani, pois sem terra, sem mata, não há vida para ninguém (Weissheimer, 2018). Do mesmo modo, vimos afirmar Hélio Werá quando se reporta à experiência da retomada do Campo Molhado, hoje *tekoa Yvyty Porã*, que fica entre os municípios de Maquiné e Riozinho, a 850 metros acima do nível do mar, uma das maiores terras indígenas demarcadas do RS.

Aquela área tem muito valor para nós porque existe água lá. Os *jurua* vinham derrubando com tudo. Os *Guarani* fizeram a retomada. Os fazendeiros queriam fazer o massacre com nós, expulsar todos nós. Muitas lideranças foram lá. Com a força da espiritualidade, da natureza, dos encantados, os *Guarani* conseguiram vencer e convencer os *jurua*. Algumas autoridades *jurua* apoiaram os *Guarani* naquela época, na nossa luta pela vida” (Werá, 2021, p.7).

Para Hélio, o *jurua* quer se apossar de tudo e por isso já não há mais terra para indígena. A retomada é uma resposta ao agir *jurua*, para que o indígena possa então viver do modo tradicional como quer. Ele afirma ainda que os não-indígenas não sabem cuidar, destroem a natureza que deus criou, e que os Guarani se preocupam com todos os seres vivos da terra: “*sem árvore, como vamos respirar? Se é o ar que sustenta nossos pulmões.*

Se ninguém vive sem ar, nem os animais”. Hélio conta que eles olham para os filhos, os netos e para o futuro, e não só para eles mesmos. Segundo ele, “*os indígenas e até os não-indígenas estão beneficiados com aquela área. Se o juruá tivesse ficado com ela, não teria mais água em Rolante, Riozinho e Maquiné*” (Werá, 2021, p.7). Preocupados com o futuro ameaçado pelo *juruá*, as retomadas cuidam do “*restinho que ainda há*”, já que onde existe indígena, existe natureza, existe água limpa (Werá, 2021, p.5). Segundo ele: “*graças a nossa luta daquela época, hoje existe água limpa, erva-mate, araucária, taquara, natureza. Nós conseguimos salvar aquele pedaço de terra e ainda recuperar ela*” (Werá, 2021, p.7).

Há muito tempo que os povos indígenas dizem que a sua luta é, ou deveria ser, a luta de todos. “*Guarani vive para cuidar e respeitar a mata. E assim cuida para todo mundo. Mas juruá deveria cuidar também. Porque também é por ele*”, disse o cacique André. Quando defendem seus territórios eles afirmam estar lutando pelo *juruá* também. Deste modo, além de lutarem por seus direitos específicos, eles lutam por condições de habitabilidade que abarcam a todos.

Além da motivação por garantir que a pedagogia das matas esteja sempre presente, onde as novas gerações possam atualizar os sinais e os rastros tradicionais das suas paisagens originárias, onde possam recompor sua corporeidade através da consubstancialização selvagem (ser da selva), as retomadas são um ato político para evitar o fim do mundo, não do deles, mas do nosso, para adiar o fim deste nosso mundo compartilhado (Guaragni, Catafesto, 2022, p.56).

Ao lutar pela terra os povos indígenas lutam contra a sua extinção e dos seres com os quais compartilham o mundo. Lutam para não se tornarem *juruá*, que é a perspectiva hegemônica de mundo que se lançou sobre o seu desde o início do colonialismo. Lutam, portanto, por sua diferenciação. Assim, as retomadas são ações políticas pelo direito ancestral que é condição para a manutenção do modo de vida tradicional. Contudo, quando os povos indígenas retomam, cuidam de um território, eles estão agindo também num mundo comum, estão garantindo as condições para o *juruá* também. Segundo a cacica Júlia Gimenes, “*o guarani é o guardião da mata. Ele não é o dono. A terra é de Nhanderú, e ele fez para todos viverem, não só para juruá. Mas juruá não tem esse reconhecimento. Por isso que temos que retomar a terra*”. Assim, as retomadas vêm efetivamente fazendo resistência ao *juruá-reko*, “*que destrói tudo*”, como dizem

repetidamente os *Mbyá*. A relação deles com seus territórios é carregada de intencionalidade. Para eles não faz o menor sentido derrubar a floresta para plantar monocultura, pois só traria destruição, afinal, sabem eles que sem a mata não se vive. Deste modo, as retomadas vêm sendo uma das importantes estratégias indígenas para contracolonizar (Santos, 2023) o Antropoceno.

2. Paisagens Mbyá

As paisagens ocupadas por indígenas e não-indígenas contam com agriculturas distintas, que são decorrentes de modos de se relacionar com a terra muito distintos, e que produzem consequentemente paisagens também distintas, como refere Jerá Guarani (2021, s/p):

A gente não conhece nenhum Guarani Mbyá, ainda que se um Guarani do Sul, que tem uma terra mais produtiva assim no sentido de ser uma terra boa que qualquer coisa que você planta vai dar [...] Ainda assim a gente não houve falar que tem Guarani empresário, microempresário, que está vendendo [...] ainda que a gente tenha passado tantos anos de contato com vocês, e hoje em particular a gente tenha essa vida muito dentro do mundo tecnológico [...] Ainda assim ninguém pensa em fazer agricultura de forma errada, que existe aí nesse grande mercado da produtividade dos ruralistas para ficar rico, para ter bastante dinheiro. Porque isso é acumular. O conceito dos Guarani é que a gente não pode acumular nada, ter um monte de roupa, um monte de panela, é muito transtornante. O povo Guarani, os mais velhos sabem exatamente o quanto isso é ruim.

A estrada que nos leva a *Tekoa Kurity*, em Canela, é contornada pela monocultura de pinus, mineradoras, pela criação de gado e pela produção de soja. No caminho pelos campos de cima da serra uma faixa em frente a uma indústria enuncia aquilo que a paisagem já antecipou: “*somos a favor do agronegócio*”. Sobre essa mesma paisagem, o cacique *Mbyá* Marcelino Duarte disse: “*Juruá acha bonito aquilo, mas para nós é triste, porque tinha uma floresta ali, muita vida ali, e hoje não tem mais*”. Na maior parte destas paisagens uma série de transformações ocorreram ao longo das últimas décadas, fazendo com que muitos de seus habitantes tenham partido para os centros urbanos e a vegetação nativa tenha sido reduzida a pequenos fragmentos que se limitam ao contorno de algumas sangas, banhados ou rios. Nas imensas áreas de monocultura, já não há mais floresta. A forma de ocupação e uso do solo não favorece a habitação de qualquer outra espécie senão a que ali é produzida em larga escala. São territórios degradados em que as diversas

formas de vida que buscam por refúgio são cotidianamente banidas. O agronegócio expulsa os coletivos do campo, mas é referido pela mídia hegemônica e o Estado como um dos setores mais importantes para a economia do país. A produção de monocultura não serve de alimento e tem como destino a exportação. Os proprietários quase não pisam naquelas terras e sequer nelas botam a mão.

As paisagens da monocultura têm consequências locais e globais, que envolvem a degradação do solo, a expulsão das populações humanas e a extinção das não-humanas, provocam a perda e a poluição das águas, e se estendem ao provocar o aquecimento do oceano, ao comprometer as condições da atmosfera, além de tantos outros aspectos que envolvem as mudanças climáticas. Anna Tsing (2019) concebe paisagem como um ponto de encontro de atividades humanas e mais que humanas, constituída por assembleias multiespécies que interagem, moldando a vida uma das outras de forma variada. Para Tsing (2019), indivíduos são trajetórias interativas contínuas e relacionais, em que agimos conjuntamente com outras espécies para fazer mundo. Já nas paisagens da *plantation* as relações multiespécies são interrompidas, produzindo ecologias simplificadas, onde há um modo de perturbação que resulta na perda da diversidade, por meio de um projeto de controle total de plantas e colheitas – onde se busca fugir das indeterminações dos encontros.

A *Tekoa Yvyty Porã* (Aldeia Serra Bonita) é uma das maiores áreas demarcadas do RS, com 2.285 hectares. Nela se deu um intenso processo de luta do povo *Mbyá-Guarani* que há mais de 30 anos conquistou sua demarcação, depois de muito resistir no conflito com grileiros. O clima lá é frio e úmido. As moradias são feitas de modo tradicional, a maioria construída de xaxim ou de taquara, que existem em abundância na mata. Em torno das casas há inúmeras frutíferas e pequenas áreas de roça. Uma trilha leva para dentro da mata nativa que impressiona pelo estado de preservação. Outra, para o açude. A comunidade conta também com um galpão de madeira e a única estrutura de alvenaria, que destoa do resto, foi construída pelo Estado para ser um posto de saúde.

Figura 1: Casa de Taquara – *Tekoa Yvyty Porã*



Imagem: Simone Alves de Almeida

Na primeira vez em que estivemos lá, num mutirão de carijo (feitio tradicional de erva-mate) em 2019, seu José, *xeramōi* (ancião/sábio), falava aos não-indígenas em uma roda de conversa. Ele apontou para o posto de saúde dizendo que aquela casa era de *juruá*, e se alguma coisa estragasse ele não poderia arrumar. Seria preciso ter dinheiro, comprar material na cidade. Já as casas tradicionais, se algo estragasse, ele entrava na mata e buscava o que precisasse para consertar ou reconstruir. Seu José explica que para o *Mbyá* a mata é escola, é farmácia, é mercado. Da mata vem a autonomia, a continuidade da cultura, do modo de viver. A paisagem onde vivem os *Mbyá* do campo molhado tem mata nativa, tem água em abundância e abriga muitas nascentes. Tem xaxim para fazer casa. Tem taquara para artesanato. Tem erva-mate, tem *pindó* (jerivá), tem araucária. Ao visitá-los, podemos ver muitas espécies nativas em várias fases de crescimento, pois eles nunca param de plantar. De acordo com Guardiola e Wittmann (2018), naquela paisagem vê-se o viver deles documentado.

Em cada uma das aldeias *Mbyá-Guarani* em que estivemos ao longo destes anos de pesquisa, notamos que as comunidades abrem apenas o espaço necessário para a construção de suas casas e roças. O que é produzido é para a própria comunidade, e mesmo que um excedente possa ser vendido eventualmente, o objetivo do plantio não é a venda. Eles estão sempre a procura de mudas e sementes diversificadas. Além de recuperar as áreas em que vivem, o plantio de espécies nativas tem várias outras funções. Conforme expressa Seu José: “*tem que ter árvore do lado do rio para o rio ter saúde.*

Eles plantam para ter alimento, para ter remédio, para fazer artesanato que é sua

principal fonte de renda. Contudo, também plantam para os animais, para a saúde do rio, pela qualidade do ar. “*Nós sabemos como o planeta terra funciona*”, disse o cacique Marcelino. Deste modo, vemos que as paisagens *Mbyá-Guarani* são compostas pelo reconhecimento da importância de muitos seres, suas funções, suas relações. Conforme o cacique André Benites:

Nós estamos aqui para cuidar da mata. Não só para a nossa família, para os nossos filhos, mas para toda a humanidade. Porque aqui estando bem, na cidade está bem. Daqui sai a água que vai para a cidade. O vento, sai daqui da mata, não sai de prédio.

Na percepção dos *Mbyá-Guarani*, nas terras onde vivem os *jurua* já não há mais mata, que é derrubada para dar lugar à monocultura. Para o *jurua* só é produtiva a terra que produz lucro. Os territórios indígenas são outra coisa. Neles há muita biodiversidade, água boa, terra boa, e há uma produção diversificada de alimentos, além da preservação de fauna e da flora.

Entre os *Mbyá-Guarani* os diferentes seres, que compõem os ecossistemas em que vivem, são parte do seu conjunto de saberes, de suas práticas cotidianas, de sua relação com as divindades. *Nhanderú* orientou que eles vivessem na mata e a respeitassem, que não retirassem dela mais do que o necessário. Eles se reconhecem como guardiões da mata e estão relacionados aos seres que nela habitam. A biodiversidade é fruto das práticas cotidianas deste povo. Eles estimulam a biodiversidade pelo manejo da paisagem que fazem através do seu modo de viver. Guardiões da mata e da biodiversidade, eles cuidam para que ela continue em pé, reflorestam onde ela já não está, exercem uma agricultura sem dominação. Com isso, eles mantêm seu devir *Mbyá*, cultivando relações, construindo paisagens diversificadas em conjunto com outros entes.

3. Presenças Multiespécies

Seu José mostrou um por um os desenhos que farão parte do seu próximo livro. As imagens traziam o urutau, o xaxim, a lua. O açude rodeado por árvores, afinal, como ele disse, são elas que mantêm a água limpa, e seus frutos alimentam os peixes. Ele mostrou também a árvore que *Nhanderú* fez para segurar a terra: “*se corta a árvore a terra se quebra, é assim*”, disse seu José.

Só *Nhanderú* sabe o que fazer. Quando criou as árvores, criou tudo junto, porque é a raiz das árvores que segura a terra. Por isso não devemos destruir a floresta. Os *juruá* estão desmatando muito a floresta, por isso as vezes acontecem desmoronamentos, porque a terra não tem como se segurar sozinha. É isso que os *juruá* não percebem e pensam que é só um fenômeno natural (Verá, 2021, p.34)

Além de desenhista, seu José é um contador de histórias. Sua missão é contar aos mais jovens e também para o *juruá* as informações que ele recebeu de *Nhanderú*. Aquilo que *Nhanderú* fez não deve ser destruído. “*Mas juruá destrói tudo. Está na cidade, só pensa em trabalhar. Não pensa em Nhanderú, na terra, na água*”, disse o *xeramoí*. Seu José também disse que para que tudo funcione bem, é preciso respeitar. Se respeitar, o rio continua vivo, para ter água, para ter árvore, assim como, para a saúde do rio, do peixe, é necessário plantar árvore nativa. Disse ainda que: “*A terra, o sol, a planta, o peixe, são todos nossos parentes e precisa ter parceria com o ser humano*”.

Figura 2:

Seu José Verá mostrando um de seus desenhos, a árvore que *Nhanderú* criou para segurar a terra, se corta a árvore a terra se quebra, explicou ele.



Imagem: Simone Alves de Almeida

Seu José desenha e fala sobre as presenças mais que humanas na vida da aldeia, e também sobre a relação entre elas: “*a mata traz a chuva, a chuva mantém a mata*”. Reconhece que a vida funciona através dessas relacionalidades, as quais é preciso muito respeito. Aparece na fala de seu José, o quanto o modo de vida *Mbyá-Guarani* é a mata, e a mata é a vida *Mbyá*. Ele quer que os brancos conheçam sua cultura para respeitar mais

e apoiar na proteção da natureza. “*Os juruá que vão à escola mesmo parecem não saber que se cortar as árvores não vai ter água e o clima da terra vai esquentar*”, diz seu José.

Acompanhar o *guatá Mbyá-Guarani* denota incontáveis presenças. Um dia, subindo a serra da boa vista, dona Júlia conseguiu colher a mamona vermelha que tinha no caminho, que há tempos ela queria. Faria chá para os rins. Não é tão comum encontrar a mamona vermelha e quando ela está na mata é ainda mais poderosa, explicam Thiaguinho e dona Júlia. Horas depois, enquanto conversávamos, dona Júlia contou que havia um açude maior seguindo em frente, que ela já morou para aquele lado. Em seguida colheu algumas ervas para o banho e retornamos para a aldeia. Sempre que viajamos, dona Júlia colhe alguma erva, procura por algum tipo de chá e, como ela faz questão de explicar: ela pega somente o que precisa. Ela conta que os *Mbyá-Guarani* aprenderam assim, a pegar somente o que precisa e quando precisa. Que devem sempre pedir licença. Porque cada coisa tem seu dono, um espírito, que tem que respeitar, senão ele fica bravo. Quando passam pelo rio, pedem licença, ela me diz. “*Juruá quando passa não pede licença, mas nós pedimos sempre*”. Porque tem que respeitar. Se vai na cachoeira, pede licença. Porque tudo tem dono. Hoje em dia quase não encontra caça, pesca, muitas plantas, muitos bichos, pois foi *juruá* que destruiu, disse ela. *Juruá* não pensa. Dona Júlia diz que tem algo errado com a ecologia do *juruá*:

Teve uma aldeia lá em São Paulo, não sei se tu ouviu falar, que os Guarani derrubaram árvore para fazer casinha e foram multados. Mas eles não tiraram para vender, nada. Só para fazer casa. E porque não multa juruá que destrói tudo para vender? Se Guarani só pega porque precisa, pega pedindo licença (Cacica Júlia Gimenes, caderno de campo, 2023).

Dona Júlia explica que seu povo sempre pensa no futuro. O que fazer, como fazer. Que ensinam os mais jovens como têm que viver. Diz que o conhecimento que eles carregam não é de agora, é de muito tempo. Que o *avaxi* (milho) que ela guarda, não é de agora, não é do *juruá*, que ele também tem muito tempo. Que tem que guardar para plantar de novo. Enquanto conversamos, ela aponta uma árvore em frente a sua casa e diz que das folhas dela se faz remédio. Diz que não sabe o que vai ser do futuro, que os *juruá* podem ter suas previsões, mas o que *juruá* não sabe é o que *Nhanderú* vai decidir. Ela sabe que vai piorar, as chuvas, as enchentes, as secas, porque os donos de cada coisa estão brabos com tanta destruição. O *juruá* destrói. Quer tomar tudo para ele, quer vender,

mesmo que nem seja dele. Assim também disse seu José: “*Nhanderú criou os peixes para se alimentar, devemos pescar para comer, não para vender. Juruá vende, o peixe nem é dele e ele vende*”.

André Benites disse que o povo *Mbyá-Guarani* existe para cuidar da mata e principalmente para respeitá-la. Não pode cortar árvores sem saber bem porquê. Sem pensar no que está fazendo e sem precisar. “*Como todos sabem, as árvores são pessoas. Sentem dor. Podem morrer*”. Por isso não se pode fazer as coisas sem pensar, e se precisar realmente, tem que pedir licença ao seu dono para pegar. Os rios, a mesma coisa: não se pode fazer o que quiser. O rio também é uma pessoa, tem espírito: “*Tem dias que ele não quer que entre, não quer ser incomodado*”. André conta que eles pedem licença, conversam com o rio. Cuidam do rio e do mesmo modo o rio também cuida deles. O *juruá* pelo contrário, faz o que quer. Os *Mbyá* sabem que tem coisas que não podem fazer e respeitam muito. Eles reconhecem que as pedras também têm alma, têm seu mundo, seu lugar. Que mesmo que não se possa entender esse mundo, é preciso respeitar. André explica que é preciso entrar no mundo do outro: “*Por exemplo se aqui tem uma formiga, ela é pequena, eu sou grande, e eu posso pisar nela. Mas se eu entro no mundo da formiga, ela também quer viver. Ela também sofre*”. É necessário compreender que a formiga tem o interesse de viver a vida dela. *Nhanderú* fez cada coisa numa forma, seja ela feita como formiga, como rio, cada uma tem seu mundo, tudo é pessoa, tem alma, afirma o cacique.

Convivendo e conversando com os *Mbyá-Guarani* vamos percebendo muitas presenças. As plantas, os animais, os rios, as divindades estão sempre ali. Mais do que isso, cada um destes é visto em relação uns com os outros, e juntos construindo mundos. O modo de vida desse povo se dá em relação com esses vários seres, aos quais é necessário reconhecer a importância, o lugar, a condição de pessoa, assim como as reciprocidades estabelecidas entre elas. André diz que o *juruá* poderia pensar como fazer cidade que não fosse errado, por exemplo, que não tivesse as consequências que têm tido. Mas mesmo tendo tanto conhecimento *juruá* não pensa. Como exemplo ele explica que o centro da cidade de Maquiné está em cima de um riacho, que o rio tem seu lugar e seu caminho, e com a cidade em cima, o rio vai ainda assim procurar seu caminho, e então *juruá* vai reclamar da enchente, mas é dele mesmo, do *juruá*, a culpa, disse ele. Três meses depois desta conversa, em uma enchente histórica no município, o centro da cidade pela primeira

vez estava alagado, surpreendendo os moradores, os gestores públicos, porque nunca tinha chegado enchente no centro da cidade antes.

São muitas as espécies que fazem parte da construção do mundo *Mbyá-Guarani*, muitas delas têm um papel preponderante na sustentação da terra. Para os *Mbyá*, todos os seres, animal, árvore, pedra, inseto, possuem seus *já*, seu “dono”, ou divindade protetora. Tudo que existe no mundo tem *tape* (caminho). O tatu, os pássaros, o vento, o rio, a anta. Cada ser possui seu lugar no mundo e todo lugar tem caminhos. Assim, caminhar é partilhar caminhos com outros seres. Esses caminhos é onde ocorre o movimento. Quando uma cidade é construída no lugar do rio, quando fecha o córrego, vem a chuva e movimenta tudo, nesses momentos pode dar enchente (Ladeira, 2015). Se as casas forem muito altas serão atingidas pelo vento, assim que eles aprenderam com seus pais e avós.

O *yvyrypa* é formado por presenças multiespécies, que são ativas na construção do mundo. O lugar de cada uma e a relação entre elas são o tempo todo consideradas diante de uma ação, de uma decisão. Seu modo de vida e suas ações têm como referência outros seres, outros mundos, seus lugares, suas vontades e as reciprocidades entre eles. Esses seres não pertencem a uma categoria de natureza separada do humano, e o humano não tem aí uma importância central ou superior. Do mesmo modo, não é possível se relacionar com esses seres como se eles fossem objetos ou propriedade. Pedras, árvores, vento, *avaxi*, *jety* (batata doce), *kaa*, todos esses seres têm alma e possuem seus *já* que, junto com *Nhanderú*, são seus guardiões. Para os *já* é preciso pedir licença, pois ficam bravos se for feito o uso indevido desses seres. Segundo Jerá Guarani (2020), os donos são como pais e mães que protegem seus filhos do perigo. Se não forem respeitadas as regras que foram para eles colocadas desde que nasceram, coisas ruins vão acontecer. É fundamental respeitar o que *Nhanderú* orientou, o que os mais velhos ensinaram – que é respeitar a natureza. Para a autora, a terra tem sangue, sente, respira, escuta, fala, chora. É um ser vivo, tem espírito e sem ela não vivemos. Ela explica que seu povo não busca afunilar quem conta como pessoa, mas ampliar a dignidade de existência à todos os seres (Guarani, 2020).

Retornando a Anna Tsing, outros seres vivos que não humanos são totalmente sociáveis, com ou sem humanos. Ainda que tantos esforços tenham sido empenhados pela lógica da colonialidade para nos fazer viver acreditando no excepcionalismo humano. “*Os povos nativos mostram isso há muito tempo: plantas, animais, agentes atmosféricos*

e muitos outros são nossos companheiros na política de habitar e transformar um mundo mais que humano” (Tsing, 2019, p.8).

4. Guatá Tape Porã

A constante mobilidade é uma das principais características do modo de viver *Mbyá* e já foi tema de muitos estudos (Clastres, 1978, Meliá, 1986, Nimuendajú, 1987; Pradela, 2009; etc) pelos quais se compreende o *guatá* por diferentes vieses. Há entre os *Mbyá* uma necessidade de renovação do cosmos ao repetir os caminhos já percorridos pelos ancestrais. Para Luis Gustavo Pradela, esse caminhar está relacionado à produção e reprodução da vida: é uma experiência necessária para o ato de existir no mundo: estar em movimento é viver e viver melhor (Pradela, 2009).

Caminhar na mata, rezar com as divindades, ouvir o canto dos pássaros é o que frequentemente ouvimos os *Mbyá* relatarem como práticas ligadas à liberdade, alegria e saúde. Do mesmo modo, é importante visitar os parentes, passar um tempo (que quase nunca é pré-definido) em outra aldeia, participar de mutirões, carregar consigo suas sementes, seus artesanatos, trocá-los com os parentes, e até mesmo refazer sua aldeia em outro lugar se for preciso. O *guatá* envolve relações de parentesco, casamentos, os ciclos agrícolas e as estações (*ara pyau* e *ara yma*). É um modo de reprodução das práticas de seus deuses na procura de lugares para plantar suas antigas sementes. Os parentes são referências espaciais, assim como as divindades, os animais, as plantas. As possibilidades de mobilidade refletem uma série de fronteiras de alteridades em permanente negociação. As caminhadas envolvem uma recriação constante de sua tradição em um novo lugar. Eles vivem e atualizam um ideal partilhado com seus antepassados e seguem o caminho percorrido pelos seus avós (Wittmann, Guardiola, 2018; Clastres, 1978).

Para Pradela (2009), o mundo *Mbyá* precisa ser pensado em termos dinâmicos. As migrações são variações – são condição ontológica de mudança, são devir. Morar num mesmo lugar por muito tempo é uma imposição dos brancos, que tomando e cercando as terras estabelecem dificuldades na sua mobilidade, o que impede uma série de relações necessárias com o cosmos. Além disso, é difícil achar um lugar bom, porque os brancos destruíram tudo, por isso, hoje o *guatá* é também uma estratégia de luta política para retomar as terras que precisam para sua existência, assim como, envolvem reuniões, articulações, como parte fundamental da organização política e na busca por garantias de

direitos (Pradela, 2009). Para o autor, o *guatá* continua a despeito de todas as barreiras colocadas, e se por um lado não se pode mais andar livremente como antes, o caminhar também não é delimitado pela geografia dos brancos. Entre aldeias, pelas áreas de mata, seguindo sonhos, presságios, distintas alteridades e sentimentos, eles seguem caminhando. Caminham para se articular, para fazer retomada, para apoiar os parentes. Caminham até Brasília e até para outros países a fim de fazer frente às lutas dos povos originários. O *guatá* é um dos modos de resistência *Mbyá* na manutenção de seus mundos e de um mundo comum.

Diante do habitar colonial do Antropoceno e de sua marcha destruidora, afirma-se a luta de um dos povos que pisam no mundo de outro jeito. Um outro caminhar que não é o mesmo do Antropoceno. Enquanto o Antropoceno marcha numa única direção, arrastando o que encontra pela frente, tratorando outros seres, outras vidas, outros mundos para estabelecer suas monoculturas, podemos ver que há entre os *Mbyá* um outro modo de pisar na terra, que considera essas relacionalidades na manutenção da habitabilidade. Caminhar pelo mundo é ocupar o caminho por onde se movimentam outros seres, é cohabitar mundos outros, estabelecer alteridades. Há compromissos e responsabilidades neste caminhar que têm como consequência deixar rastros menos nocivos – uma pegada mais leve. Num contexto onde as reciprocidades são levadas a sério, destruir o mundo dos outros afeta seu próprio mundo.

Os *Mbyá* caminham pela pegada de seus ancestrais, por caminhos abertos por *Nhanderú* e por ele orientados. Seu mundo foi feito por *Nhanderú*, possui suas regras e é lugar de outros seres, sendo necessário o estabelecimento de relacionalidades responsáveis. Neste sentido, podemos perceber que o caminhar *Mbyá* está associado, não ao Antropoceno, mas ao Holoceno. Como vemos com Tsing (2019), há nisto perturbações, elas sempre existiram e não são necessariamente negativas. Viver implica em modos de perturbar mundos. No entanto, essas perturbações também podem ser multiplicadoras de mundos e produzir biodiversidade.

A gente sabe que o rio tem espírito, todo mundo tem espírito. Os animais grandes, pequenos, o ser humano, a floresta. Várias coisas por ai, tem dono. O chão tem dono, a floresta, o rio, os animais, a gente só não vê quem é. Por isso a gente vive cuidando, a gente preserva. Dá cuidado. Quando a gente explora a mata, a gente não faz o que a gente quer. Se a gente for na floresta para explorar, eu tenho que cuidar. Se eu for com facão, ou arco e flecha, eu tenho que cuidar, para não cortar árvore. Se eu cortar só porque quero, isso eu posso

provocar algo. A gente tem que ter cuidado com a floresta quando a gente for. Eu posso cortar por um motivo, para fazer casinha, ou arco e flecha, para trazer para aldeia, só por esse motivo que eu posso cortar a madeira. Não só para brincar. Quando a gurizada vai para brincar, a gente educa. Nossa aventura, nossa diversão é a floresta, mas a gente educa, como se comportar na mata, para pescar, caçar, brincar por aí. Ele não pode nadar muito no rio, porque rio é perigoso, então a gente educa. Para não bagunçar no rio. Quando vou na floresta com arco e flecha, tem aves que é proibido a gente matar. São só alguns tipos de aves que é permitido comer. Não é todos os animais que a gente come. Alguns animais são proibidos. Tem que saber qual que eu posso matar. O peixe é a mesma coisa. Eu posso pegar alguns peixes, outros são proibidos. Pode trazer alguma coisa ruim para gente. Algum peixe eu posso pegar para alimentar os filhos, tem várias regras também para nós, por isso que a gente não destrói a natureza. O rio a mesma coisa, o rio a gente não pode fazer muita bagunça no rio, porque o rio vai se chatear. Por isso que a gente não educa como a gente tem que se portar. Se a gente vai tomar banho, é alguns minutos. Eu não posso ficar todo o dia no rio. Tem várias regras para nós. A gente se cuida no momento da caça, da pesca, do banho de rio. Tem várias regras na nossa cultura, no nosso comportamento com a natureza. Por isso que a gente não destrói, não acaba com o rio, não machuca a terra. Porque a gente sabe cuidar, tem várias regras. Mas *Juruá* é outra coisa, *Juruá* não pensa duas vezes para destruir. O que ele tem para fazer é destruição. Nosso comportamento é com a vida, porque tudo é vida (Cacique Marcelino Duarte, caderno de campo, 2023).

Como podemos ver na fala de Marcelino, há entre os *Mbyá* uma preocupação muito grande em caminhar a partir de alguns preceitos. Há regras em seu mundo, que mediam as relações com outros que não-humanos. Todo mundo tem espírito e por isso deve se ter cuidado, há regras e limites que não podem ser desrespeitados. Para os *Mbyá* há o reconhecimento que outros seres são importantes para que a vida tenha continuidade. A vida não é sem essas relacionais e romper certos limites é muito perigoso.

No mundo *Mbyá-Guarani* os humanos não sonham só com eles mesmos, referem José Otávio Catafesto e Leonardo Guaragni (2021), pois, esse mundo é entendido como uma estratigrafia de camadas transpostas por demiurgos, pessoas humanas e não-humanas. Não há “elementos da natureza” totalmente externos, e não há sujeito e objeto, porque a variação contida num e noutra é correspondente à própria capacidade de estabelecimento relacional. O reconhecimento disso leva a identidades territoriais que passam pelo apreço cosmológico de determinadas espécies, pelo reconhecimento que cada ser tem sua importância como fazedor de mundo (Guaragni, Catafesto, 2021).

Há séculos os *Mbyá-Guarani*, a medida que sustentam suas existências contracoloniais, resistem para não romper com relacionais que são vitais. O *guatá* é um modo de caminhar que se opõe ao do Habitar Colonial do Antropoceno, já que este

marcha em direção única, arrastando o que encontra pela frente para transformar toda a terra em monocultura. Os *Mbyá* sabem que caminham sobre a pegada de outros seres e pisam no mundo com cuidado, porque sem esses seres não há mundo *Mbyá*. Caminhar é coabitar, e num contexto onde as reciprocidades são levadas a sério, envolve limites e regras, pois, destruir o mundo dos outros afeta seu próprio mundo.

Considerações finais

Como todos os seres humanos, como todo animal, enfim, os ameríndios precisam comer ou de alguma forma destruir outras formas de vida para viver. Eles sabem que a ação humana deixa inevitavelmente uma “pegada ecológica” no mundo. A diferença está em que o solo em deixam suas pegadas também é vivo e alerta, sendo, frequentemente, o domínio ciosamente vigiado de algum super-sujeito (o espírito-mestre da floresta, por exemplo). O que requer, portanto, olhar com muita atenção onde se pisa (Castro, Danowski, 2014, p.96).

O *guatá* como guia de orientação possibilitou cartografar caminhos onde mundos se atravessam, se cruzam, se afetam e fazem mundos, pois, o mundo *Mbyá* é uma composição com muitos mundos. Ao longo deste estudo a relacionalidade mostra-se fundamental para o mundo *Mbyá-Guarani*. Isso demarca diferenças radicais com o mundo *juruá*, cuja relação com a terra e os outros seres está fundamentada na dominação. Aquilo que o *juruá* muitas vezes chama de preguiça, dizendo que “índio não sabe trabalhar”, “que é um atraso para o desenvolvimento da nação”, aparece aqui como o modo de vida desse povo e uma atitude ativa e deliberada de viver sem destruir aquilo que possibilita a própria vida. Compreende-se que as condições da vida são construídas e mantidas por meio de relacionalidades multiespécies.

O *guatá* denota incontáveis presenças. Plantas, animais, rios, divindades, são espécies companheiras. Mais do que espécies individuadas, cada uma é vista em relação com outras, e juntas construindo mundos. O modo de vida *Mbyá* se dá nessas relações, que têm seu lugar, sua importância. É preciso pedir licença, pegar só o que for necessário. Dentro de uma política relacional é preciso ter cuidado e respeito com o mundo dos outros. Muitas destas espécies têm um papel preponderante na sustentação da terra e fazer mundo é uma composição.

Nas paisagens da *plantation* os seres humanos atuam interrompendo relações, produzindo ecologias simplificadas. Em cada uma das aldeias que fizeram parte deste estudo, as comunidades abrem apenas o espaço necessário para a construção de suas casas

e roças, mantendo a mata em pé, pois ela é fundamental. É morada das divindades, é onde encontram alimento, material para a construção das casas, remédios tradicionais. Suas práticas não são direcionadas apenas aos humanos que ali vivem, mas beneficiam a vida de outros entes também: “*tem que ter árvore do lado do rio para o rio ter saúde*”, diz seu José Verá. “*Nós sabemos como o planeta terra funciona*”, diz o cacique Marcelino Duarte. As paisagens *Mbyá-Guarani* trazem o modo de vida deles documentado (Guardiola, Wittmann, 2018), enquanto as paisagens das *plantations* são arquivo do Habitar Colonial do Antropoceno (Ferdinand, 2022).

Os *Mbyá-Guarani* são guardiões das matas e operam ações fundamentais para a continuidade da vida no planeta e as retomadas surgem como uma das importantes ações neste sentido. Através delas, eles lutam por seus territórios, que são condição de sua existência; lutam contra o desaparecimento dos seres com os quais compartilham o mundo e deste modo, contra a sua extinção enquanto povo. Contudo, as retomadas vão muito além da causa indígena, pois, através delas, eles estão cuidando de um mundo comum, estão garantindo as condições para o *juruá* também. Em suma, eles vêm há muito tempo protegendo o *juruá* de si mesmo.

Deste modo, eles também nos convocam a atentar para esses outros seres e seus mundos. São especialistas em fim do mundo, não só porque sobreviveram e sobrevivem a violência sistemática há mais de 520 anos, mas porque conhecem muito mais sobre as relações que constroem o mundo, que possibilitam a vida e mantêm o céu no lugar, do que o povo que sonha apenas consigo mesmo e com suas mercadorias. Para os *Mbyá*, o mundo não está dado, ele é constantemente recriado a partir do exercício de relacionamentos multiespecíficos. Neste sentido, a resistência contracolonial *Mbyá* se dá no exercício de ajudar as divindades a sustentar o céu, a partir do modo de viver na terra. Mesmo com suas terras invadidas, mesmo expulsos de seus territórios, e mesmo com todas as tentativas de branqueamento cosmopolítico ao longo de mais de 5 séculos, os povos indígenas permanecem mantendo uma relação com a terra diferente da construída pela modernidade e pela colonialidade, forjada na ideia de separação entre humano e natureza. Permanecem guardiões da terra que lhes foi roubada. Diante das mudanças climáticas e do Antropoceno, os *Mbyá-Guarani* convocam à todos a atentar as alianças multiespécies.

Essa pesquisa foi realizada junto as tekoas *Guyra Nhendu*, *Ka'agui Porã* e *Yvyty Porã*, em Maquiné, e *Kurity*, em Canela, durante o período de 2019 à 2024. Utilizou-se de caderno de campo para os registros das atividades realizadas. Este artigo é oriundo da tese “A Cosmoecologia Mbyá-Guarani diante das Mudanças Climáticas e do Antropoceno: Uma cartografia multiespécies”.

Referências

- DANOWSKI, D., CASTRO, E. V. Há mundos por vir? *Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Editora: Cultura&barbárie/Instituto SocioAmbiental. 2014.
- FARIAS, J. M. Retomada Mbyá Guarani no Yvyrupa: *produção de subjetividade, agenciamentos e criação de estratégias de luta*. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2018,
- FERDINAND, M. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Editora Ubu. 2022.
- GUARANI, J. A terra ao redor: o chamado Guarani para outras práticas de conhecimento. Entrevista rádio terrana. Disponível em: <https://podcasters.spotify.com/pod/show/radio-terrana/episodes/A-terra-ao-redor-o-chamado-Guarani-para-outras-prticas-de-conhecimento-epmk8v/a-a4gb0er>. 2021
- GUARANI, J. (2020). Tornar-se selvagem. *Piseagrama*. Belo Horizonte, n. 14, p.12 – 19.
- GUARAGNI, L., CATAFESTO, J. O. Perspectivismo ontocosmoecológico Mbyá-Guarani: caminhadas, paisagens e sensações coletivizadas. *Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis*, v. 10, n. 19, p. 36-61. 2021.
- GUARDIOLA, C. L. T. A última morada da gente dos Pés feitos de Terra: construção de um mundo mbya no antropoceno espetacular. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso - bacharel em Ciências Sociais) - Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2021.
- GUARDIOLA, C. L. T.; WITTMANN, M.A.S. A retomada Mbya Guarani da Fazenda do Arado Velho: um olhar desde a etnoarqueologia. 3 de julho de 2018. Disponível em:(<https://racismoambiental.net.br/2018/07/03/a-retomada-mbya-guarani-dafazenda-do-arado-velho-um-olhar-desde-a-etnoarqueologia/>). Acesso em 15,3,2024. 2018.

- LADEIRA, M. I. M. Espaço geográfico Guarani-MBYA: *significado, constituição e uso*. São Paulo. Editora Edusp. 2015.
- MORINICO, J. C. Conheça a Retomada Guarani Mbyá em Maquiné/RS. Amigas da Terra Brasil. 2017. Disponível em: <http://www.amigosdaterrabrasil.org.br/2017/01/30/retomada-guarani-mbya/>
- PRADELA, L. G. O jeguatá Guarani. . Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 99-120. 2009.
- SANTOS, A. B. Dos. A terra dá a terra quer. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- TSING, A. L. Viver nas ruínas: *paisagens multiespécies no antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas. 2019.
- TIMÓTEO. In: Guardiola, C. L. T.; Wittmann, M.A.S. A retomada Mbya Guarani da Fazenda do Arado Velho: um olhar desde a etnoarqueologia. 3 de julho de 2018. Disponível em: (<https://racismoambiental.net.br/2018/07/03/a-retomada-mbya-guarani-dafazenda-do-arado-velho-um-olhar-desde-a-etnoarqueologia/>). Acesso em 15,3,2024. 2018.
- VERÁ, J. Nhemombaraete Reko Rã'i: *Fortalecendo a sabedoria*. Maquiné/RS: Riacho editora. 2021.
- WERÁ, H. Terra indígena Guarani Barra do Ouro: *da retomada a autodemarcação*. Zine Elaborado em Porto Alegre durante o período da mobilização Acampamento Pela Vida. AEPIM/Editora Riacho. 2021. Disponível em: https://riacho.me/wp-content/uploads/2021/08/Zine-Campo-Molhado-_da-retomada-a-autodemarcacao.pdf. 2021
- WEISSHEIER, M. Dos acampamentos às retomadas: *a luta do povo guarani pelo lugar onde se é*. Jornal Brasil de Fato. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/09/23/dos-acampamentos-as-retomadas-a-luta-do-povo-guarani-pelo-lugar-onde-se-e> .2018.
- WITTMANN, M. A marca do caminhar dos avós na retomada Mbyá Guarani Yjêre: *disputando território, história e patrimônio na ponta do arado*, Porto Alegre. Cadernos do Lepaarq, v. XIX, n.38, p. 218-242, Jul-Dez. 2022.